



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP  
SUBJETIVIDADES, POLÍTICAS E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

YASMIN MACIANE DA SILVA

**CONVERSAS INCENDIÁRIAS COM ACADÊMICAS BRANCAS SOBRE  
ANTIRRACISMO CORDIAL EM SUAS PRÁTICAS, PACTOS E DISCURSOS**

Maceió-AL

2025

YASMIN MACIANE DA SILVA

**CONVERSAS INCENDIÁRIAS COM ACADÊMICAS BRANCAS SOBRE  
ANTIRRACISMO CORDIAL EM SUAS PRÁTICAS, PACTOS E DISCURSOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia, junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, Campus A. C. Simões.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Simone Maria Hüning.

Maceió-AL

2025

**Catálogo na Fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Central  
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586c	<p>Silva, Yasmin Maciane da. Conversas incendiárias com acadêmicas brancas sobre antirracismo cordial em suas práticas, pactos e discursos / Yasmin Maciane da Silva. – 2025. 138 f. : il.</p> <p>Orientadora: Simone Maria Hüning. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2025.</p> <p>Bibliografia: f. 129-138.</p> <p>1. Antirracismo cordial. 2. Branquitude. 3. Universidades e faculdades. 4. Anticolonialismo. 5. Feminismo. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 323.14</p>
-------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

## TERMO DE APROVAÇÃO

**YASMIN MACIANE DA SILVA**

Título do Trabalho **CONVERSAS INCENDIÁRIAS COM ACADÊMICAS BRANCAS SOBRE ANTIRRACISMO CORDIAL EM SUAS PRÁTICAS, PACTOS E DISCURSOS.**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Documento assinado digitalmente  
 **SIMONE MARIA HÜNING**  
Data: 28/03/2025 07:57:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Simone maria Hüning (PPGP/UFAL)

Examinadores:

Documento assinado digitalmente  
 **ANITA GUAZZELLI BERNARDES**  
Data: 28/03/2025 09:41:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Anita Guazzelli Bernardes (PPGpsi/UCDB)

Documento assinado digitalmente  
 **ALINE KELLY DA SILVA**  
Data: 28/03/2025 10:45:01-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Aline Kelly da Silva (bolsista PÓS-DOC CNPq)

Documento assinado digitalmente  
 **MARCOS RIBEIRO MESQUITA**  
Data: 02/04/2025 14:44:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Mesquita (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 27 de março de 2025.

## AGRADECIMENTOS

Quando a escrita ficou turva e complicada demais, nos ajustes finais das coisas inacabadas, quando a escrita me pareceu solitária, lembrei-me da importância de viver acompanhada. Dos respiros que dei no colo de minhas irmãs, das risadas exageradas ao contemplar a presença dos meus. Quando tudo pareceu ter “finalizado”, quando o texto tomou forma de uma dissertação, voltei aos agradecimentos para celebrar a existência de todas e todos que me acompanharam nos últimos dois anos.

Olhando para dentro de mim e para o texto que entrego, encontro fragmentos de todas/os vocês. Cada fragmento é uma peça que se encaixa formando um sonho coletivo, uma ideia que se materializa aqui.

Eu agradeço por viver acompanhada.

Agradeço à minha espiritualidade...

Agradeço e- agradecerei para sempre - aos meus, aos que me sustentaram até aqui.

Agradeço aquela menina petulante e assustada que se transformou em uma mulher falante e tagarela.

Agradeço por não ter me sentido sozinha, pois na companhia de mainha, das minhas irmãs e das velas acendidas, sabia que estava acolhida.

Os agradecimentos são uma espécie de celebração às companhias e aos caminhos trilhados até aqui. E o aqui é só o meio do caminho que começará de novo e de novo. Um percurso que se fez devagar, mesmo eu tendo sede e pressa para acabar. Preciso agradecer a escuta que se fez entidade nessa jornada, que devagarinho me faz dar conta de realizar.

À mainha devo o meu falar... Agradeço pela companhia na escrita, pelos ensinamentos de vida. Agradeço a ti, Dona Maria Petrucia da Conceição, minha velhinha, pela sua existência, saúde e intelectualidade, a senhora que me acompanhou nesses dois longos anos, mesmo sem entender o que “ser mestre” significa. Obrigada pelos chás para enxaquecas, pelos banhos de ervas para tirar o mau-olhado e preces pedindo o reequilíbrio das minhas energias. Obrigada, mainha, pelos puxões de orelhas e pelos lembretes dizendo: “não estude demais, ficar trancada só no computador ainda vai te enlouquecer”, a senhora sempre tentando fazer de minha vida uma experiência gostosa de viver.

Agradeço ao João, meu companheiro, por sempre acreditar e potencializar em minhas habilidades, e alegrar-se por minhas conquistas. Agradeço por todos esses anos, por me buscar

às 5 horas da manhã e garantir que estudaria. Por me lembrar dos prazos e me ajudar a organizar a rotina. Agradeço por me ouvir falar dos textos que li, das ideias que quis escrever, mesmo quando não as entendia. Obrigada por elevar minha autoestima intelectual, por passar o café altas horas da noite e por alegrar-me todos os dias.

Agradeço a Vilma, minha mãe biológica, pelo apoio nesse processo. Pelas risadas frouxas, pelas conversas jogadas fora. Te agradeço por fazer o possível para estar presente mesmo quando tudo parece não funcionar.

Agradeço às minhas irmãs, Beatriz e Macileide e especialmente à minha pacotinha Aylla Caroline, por despertarem minha melhor versão todos os dias. Agradeço por estarem presentes nesse momento e em todos os outros da minha vida. Agradeço por não precisarem que receba um título para sentirem orgulho de mim... Ao meu tio, José Floriano do Nascimento e ao meu cunhado Cregivaldo, por me cuidarem como filha, me dando proteção e segurança para seguir caminhando. Vocês, minha família, são minha grande referência.

As minhas amigas pela paciência e compreensão de minhas ausências, por entenderem todas as vezes que precisei recusar um convite ou dar uma desculpa para ficar em casa trabalhando na escrita dessa pesquisa que vocês recebem hoje: Fabiana, Allinny, Thais, Hortência, Sanny, Jardim, Débora, Laura, Aline, Marcos e Rita.

Às minhas companheiras e meus companheiros de trabalho, aquelas/es que acreditaram e potencializaram minha intelectualidade: Josberto, Neto, Denise, Luan, Thaísa, Eloísa Jane, Ainara, Gil, Gabi Pezzo, Amanda Barbosa, Cláudia Melo e Maria Izaura.

Aos meus companheiros, amigas e amigos da graduação com quem compartilhei minhas inseguranças, minhas ideias e desejos: Dayane, Rayane, Thamiles, Breno, Juliana, Sayonara, Nayara, Cristóvão, André, Duda e Dani.

Agradeço à Gestão Carolina Maria de Jesus do Centro Acadêmico de Psicologia, por me fazerem maior do que eu poderia ser, por manterem vivos a política do dengo, por acreditarem no amanhã melhor e mais justo para todos. Saibam que o CAPSi será sempre o meu melhor lugar na universidade. Eu sou imensamente grata pela existência de vocês: Gabriel, Adson, Yas, Isa, Pietra, Luan, Bia Rocha, Albi, Marília, Milena, Thamires Cruz, Bia Neri, Ismael, Flávia, Aline, Larissa e a todos que nos antecederam.

Ao Coletivo Pretes Psi agradeço pelo cuidado ancestral. Pela força e coragem na luta, por ser morada de amor e dengo em meio ao caos. Agradeço por potencializar minha escrita, por fazerem de ideias corpos-presentes, por não desistirem de nós.

Ao Coletivo Mangueiras - Jovens Feministas por Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos -, agradeço pela torcida, incentivo e comemorações a cada nova conquista. Muito obrigada, pela amorosidade, as aprendizagens e todos os momentos de esperança.

À professora Erika Oliveira e a Laura Bleinroth, por serem as primeiras moradas de alianças antirracistas na academia, se eu não as tivesse encontrado durante a graduação, não teria me tornado uma pesquisadora monstruosa. A vocês, todo meu carinho e admiração.

Larissa, Lalo, Erick, Samu, Milena e Raissa, como posso agradecê-las/os? Dizer que vocês tornam tudo mais fácil, mais leve e mais divertido parece pouco. Eu me sinto infinitamente sortuda por tê-los nessa jornada, chegamos até aqui juntos! Chegamos porque estivemos juntos! Muito, muito, muito obrigada por re-inventarem a universidade comigo.

A minha orientadora Simone Maria Hüning, aquela cujo sobrenome não consigo pronunciar, mas que me toca pelo olhar. Muito obrigada por aceitar essa empreitada, pelas trocas afetuosas, pelas angústias lançadas, por ser vulnerável a minha pesquisa. Agradeço por cada apontamento, por cada questão levantada e por acreditar que conseguiríamos, juntas, apesar de encurraladas.

Agradeço à banca qualificação pelas considerações, cuidado e zelo com o trabalho apresentado. Professor Marcos, ou melhor, Marquinhos, este trabalho só foi possível por sua orientação no TCC, pela graça e alegria que é ser orientada por você. Professora Anita Bernardes, que sorte encontrar sua doçura voraz, obrigada por apontar a qualidade de minha fúria e potencializar meus escritos. A Professora Aline Silva, aquela que tenho como referência de intelectualidade ancestral, obrigada por abrir caminhos. Muito obrigada, minha banca!

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa durante os dois anos de mestrado. Sem bolsa, dificilmente teria chegado até aqui.

Às minhas ancestrais. Agradeço aos começos, meios e começos de novo. Junto aos meus, para sempre aqui, dentro de mim.

Eu tô virada na desgraça com essa gente  
que acha que eu sou fonte e que nunca vou secar,  
com essa gente que se acha inteligente  
que levante a voz comigo, que espera o meu calar.

Já tô nas tampas com esse povo sem noção  
que adora a minha cultura, mas se acha meu patrão.  
Um povo falso que defende o feminismo,  
elogia o veganismo, faz campanha antirracista  
e quer sempre ter razão.

Já tô nas tampas de ouvir tanta besteira dessa gente ignorante,  
de trato deselegante que se acha o Redentor.  
Um povo chato que acha que fazer samba,  
põe uma conta no pescoço, faz dele um salvador.

Já tô virada na desgraça com essa gente  
é melhor nem chegar perto,  
eu tô armada de facão.  
Das minhas tetas não te dou mais nem uma gota,  
vai sujar outra cultura, tenta lá, lá no Japão.

**Virada na desgraça, Ayrá**

## RESUMO

Esta dissertação é movida pela inconformidade, pela fúria e pelo desejo de dismantelar a branquitude acadêmica. Movimenta-se embalada pelo sonho de alargar a ciência e fazer dela morada de corpos negros, indígenas e quilombolas. Esta pesquisa tem por objetivo estabelecer uma conversa incendiária com acadêmicas brancas sobre o antirracismo cordial, analisando como acadêmicas brancas operam o antirracismo cordial em suas práticas institucionais, os mecanismos que dão sustentação a seus discursos e rastrear quais as práticas e estratégias acionadas pela branquitude para sustentá-lo. Assentada nos feminismos negros e nos saberes anticoloniais, centramos a atenção as experiências dos corpos políticos na academia, buscando conhecer suas histórias, percursos, práticas e as materialidades de suas vivências em relação à branquitude. Como guias metodológicas utilizo-me das redes de sussurros e as narrativas autobiográficas, analisadas em entrelaçamentos, com a transmetodologia e o chamado à deseducação. As histórias acessadas nas redes de sussurros são conectadas às narrativas autobiográficas, anunciando outra perspectiva de mundo - incluindo as políticas do conhecimento, os modos de produzir, de ensinar e aprender não cordiais. Constata-se, ao fim deste trabalho, que o antirracismo cordial de brancas acadêmicas, produz formas de controle e colonização de corpos negros, seja por meio da afetividade ou da comercialização da inclusão. Como resultado de conversa cara-a-cara com a branquitude acadêmica, entrego a vocês, escritos que revisitam a potencialidade do fazer coletivo, destacando o poder da oralidade através das redes de sussurros e das manualidades de quem habita a universidade com o corpo inteiro. Um trabalho chamuscado, incendiário e curativo.

**Palavras-chave:** Antirracismo cordial; Branquitude; Universidade; Anticolonial; Feminismos.

## ABSTRACT

This dissertation is driven by nonconformity, fury and the desire to dismantle academic whiteness. It is driven by the dream of broadening science and making it home to black, indigenous and quilombola bodies. This research aims to establish an incendiary conversation with white academics about cordial anti-racism, analyzing how white academics conduces cordial anti-racism in their institutional practices, the mechanisms that support their discourses and trace the practices and strategies used by the whiteness to sustain it. Based on black feminisms and anti-colonial knowledge, we focus our attention on the experiences of political bodies in academia, seeking to learn about their histories, journeys, practices and the materialities of their experiences in relation to whiteness. As methodological guides, I use whisper networks and autobiographical narratives, analyzed in interweaving with transmethodology and the call for diseducation. The stories accessed in the whisper networks are connected to the autobiographical narratives, announcing another perspective on the world, including the politics of knowledge, ways of producing, teaching and learning in a non-cordial way. At the end of this work, it can be seen that the cordial anti-racism of white academics produces forms of control and colonization of black bodies, whether through affection or the commercialization of inclusion. As a result of a face-to-face conversation with academic whiteness, I give you writings that revisit the potential of collective doing, highlighting the power of orality through networks of whispers and the manualities of those who inhabit the university with their whole bodies. A scorched, incendiary and healing work.

**Keywords:** Cordial Anti-racism; Whiteness; University; Anticolonial; Feminisms.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1</b> - Cartaz colocado na sala do Centro Acadêmico de Psicologia Carolina Maria de Jesus (CAPSI-UFAL).....	18
<b>Figura 2</b> - Mural de fotografias exposto na sala do CAPSI-UFAL com referências negras e indígenas no campo da arte, militância e academia para encantar a ciência e a vida.....	30
<b>Figura 3</b> - Produção de cartaz para ato contra o assédio moral e sexual na universidade.....	51
<b>Figura 4</b> - Cartazes da mobilização organizada pelo CAPsi-CMJ, contra fraudes em cotas raciais na Universidade Federal de Alagoas.....	75
<b>Figura 5</b> - Imagem de parede branca com marcas de fuligem após um incêndio.....	109
<b>Figura 6</b> - Cartaz produzido por estudantes de Psicologia em mobilização contra o racismo.....	115
<b>Figura 7</b> - “FOGO NELES” pichAção na parede do bloco 18 da UFAL.....	116
<b>Figura 8</b> - Imagem de incêndios em canaviais em Sertãozinho, Dumont e Pitangueiras para ilustrar a técnica “fogo contra fogo”.....	118

## SUMÁRIO

<b>1. INICIAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. XIRÊ DE SANTO E SABER.....</b>	<b>22</b>
<b>3. GIRA METODOLÓGICA.....</b>	<b>32</b>
<b>4. NOTAS SOBRE A SUPREMACIA BRANCA DO FEMINISMO SEM COR.....</b>	<b>47</b>
4.1 Imaculada branquitude.....	54
4.2 Branca fazendo branquice.....	61
4.3 A brancocracia e o sagrado saber.....	69
<b>5. RACISMOS E ANTIRRACISMO.....</b>	<b>76</b>
5.1 Racismo estrutural.....	80
5.2 Racismo institucional.....	85
5.3 Racismo acadêmico.....	89
5.4 Movimento Antirracista.....	94
5.5 As cordialidades da branquitude antirracista.....	98
<b>6. UNIVERSIDADES E SUAS PAREDES BRANCAS.....</b>	<b>104</b>
6.1 Acendendo o fósforo.....	107
6.2 Ateando o fogo.....	111
6.3 Vivendo chamuscada.....	117
<b>7. CANTANDO PARA SUBIR.....</b>	<b>124</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>